

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Trab. concl.
S. 9 (c)
3524

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA



TRABALHO E TECNOLOGIA NO CAMPO
MODOS DE VIDA DO PEQUENO PRODUTOR DE LEITE
DO MUNICÍPIO DE PRATA – 1970/1980

RENATA BELIZÁRIO SOUZA MENDONÇA

3524 245.
S. 9 (c)

RENATA BELIZÁRIO SOUZA MENDONÇA

TRABALHO E TECNOLOGIA NO CAMPO
MODOS DE VIDA DO PEQUENO PRODUTOR DE LEITE
DO MUNICÍPIO DE PRATA – 1970/1980

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como pré-requisito à obtenção do título de Bacharel em História. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dilma Andrade de Paula.

UBERLÂNDIA - JULHO/2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço carinhosamente àqueles que, direta ou indiretamente, apoiaram este trabalho, ajudando-me a concluir a minha pesquisa, de modo específico:

Aos funcionários da Biblioteca Municipal, da EMATER e da Secretaria da Cultura do Município de Prata, os quais tão prontamente me atenderam e auxiliaram a minha pesquisa nos acervos documentais.

Aos pequenos produtores rurais do Município do Prata, por mim entrevistados, pela receptividade e boa vontade em cooperar e trocar experiências de vida.

À Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Ramos de Almeida, minha orientadora, que pacientemente acompanhou meu trabalho quase em sua totalidade e à Prof.^a Dr.^a Dilma Andrade de Paula, que concluiu a orientação após o afastamento daquela.

Aos professores do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, principais responsáveis pelos conhecimentos que obtive no curso de História.

Aos meus colegas de curso, pelas amplas discussões, também muito importantes para o meu desenvolvimento acadêmico.

Agradeço, em especial, à minha grande amiga Elisângela Magela Oliveira, que compartilhou do meu desespero e de minhas dificuldades, ajudando-me e contribuindo para o andamento de minha pesquisa.

Agradeço, de modo muito carinhoso e especial, à Dona Luzia, que, infelizmente, não se encontra mais entre nós, porém, colaborou decisivamente, mediante apoio incondicional, para a continuação dos meus estudos, inclusive cuidando de minhas filhas, mostrando-se uma avó muita dedicada, prestativa e amorosa.

TRABALHO E TECNOLOGIA NO CAMPO

**MODOS DE VIDA DO PEQUENO PRODUTOR DE LEITE
DO MUNICÍPIO DE PRATA – 1970/1980**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Dilma Andrade de Paula (Orientadora) – UFU.

Ms. Elisângela Magela Oliveira - SEE-MG.

Ms. Renato Jales Júnior – PMU.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO CAMPO BRASILEIRO E OS MODOS DE VIDA DO PEQUENO PRODUTOR DE LEITE.....	18
CAPÍTULO II – AS MUDANÇAS ACARRETADAS NOS MODOS DE VIDA DO PEQUENO PRODUTOR DE LEITE COM AS NOVAS TECNOLOGIAS.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

RESUMO

Este trabalho estuda os modos de trabalho e de vida do trabalhador rural e as recentes alterações ocorridas nesses modos com a introdução das novas tecnologias no campo, em especial no trabalho do produtor de leite, que é o principal sujeito escolhido para a pesquisa. Por meio de bibliografias específicas sobre o tema do trabalhador rural, construímos uma pequena análise das consequências que as tecnologias têm imprimido ao trabalho e à vida do homem do campo, tendo como objetivo central investigar quais foram as mudanças ocorridas na vida do trabalhador rural, procurando compreender em que medida o desenvolvimento tecnológico contribui e prejudica o pequeno produtor rural, no caso, o produtor de leite, em sua luta pela sobrevivência. O período histórico analisado corresponde às décadas de 1970, 1980 e 1990 no Brasil. A metodologia conta com a utilização de obras específicas sobre o tema, além de fontes escritas encontradas em páginas da internet e entrevistas com pequenos produtores de leite do Município do Prata. Os pressupostos teóricos utilizados no trabalho baseiam-se em algumas idéias de E. P. Thompson, como a experiência interligada à cultura e aos modos de vida e trabalho vai firmando as trajetórias de vida dos trabalhadores. E ainda quando o autor ensina que o conhecimento histórico é provisório, mas não inverídico e está relacionado com as preocupações específicas de cada pesquisador. Além de Thompson, outro teórico foi Marc Bloch, principalmente no ponto em que suas idéias nos mostram que tudo o que o homem toca, informa algo a seu respeito e assim as fontes costumam ser amplas, bastando ao pesquisador interrogá-las.

Palavras-chave: Trabalhador rural, tecnologia na produção, modos de vida.

Renata Belizário Souza Mendonça
Trabalho e Tecnologia no campo: Modos de Vida do
Pequeno Produtor de Leite do Município de Prata – 1970/1980.
Renata Belizário Souza Mendonça – Uberlândia, 2006.
38 páginas.
Orientadora: Dilma Andrade de Paula.
Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia.
Curso de Graduação em História.
Inclui Bibliografia.
Trabalhador rural, tecnologia na produção, modos de vida.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da vontade de compreender os modos de vida dos trabalhadores do campo, buscando perceber as principais mudanças que se processaram na vida e nas relações de trabalho dessas pessoas nas décadas de 1970 e 1980, com a introdução de novas tecnologias no campo, que alteraram as formas de produção. Portanto, o principal segmento econômico focalizado pela pesquisa foi o da produção de leite de pequenos proprietários rurais.

O estudo da história do Brasil entre 1967 e 1973 revela que a economia brasileira cresceu rapidamente, caracterizando o período denominado “milagre econômico”, marcado, sobretudo, pelo forte crescimento agrícola. Contudo, outra face das mudanças ocorridas com o “milagre econômico” nem sempre é mencionada. O crescimento econômico no Brasil somente beneficiou os grandes produtores rurais, enquanto que os trabalhadores em geral, que viviam do esforço do seu trabalho, foram prejudicados.

A partir das referências bibliográficas sobre as transformações ocorridas no meio rural, podemos observar que houve migração em massa de pessoas do campo para a cidade, provocada pela miséria rural e pelo aumento dos conflitos no campo. Com o aumento da população, ocorreu ampliação das favelas nos centros urbanos e a diminuição das possibilidades de uma vida melhor para os trabalhadores assalariados.

Esse foi o período da história do Brasil em que a população camponesa mais transitou do campo para a cidade, na esperança de uma vida melhor, ainda

que de fato tudo o que de mais certo a esperava nas cidades eram o desemprego e a falta de oportunidades. Conforme Chiavenato, “a migração rural foi um dos fenômenos sociais mais graves no período militar: entre 1970 e 1980, cerca de 16 milhões de pessoas vagaram pelo Brasil”¹. Eram trabalhadores que, sem oportunidade de trabalhar no campo, viam nas cidades a esperança de uma vida melhor. Os efeitos da política econômica do período foram bastante perversos, conforme Paiano, as medidas econômicas inseridas no chamado milagre brasileiro

Combateu a recessão com uma política de crescimento econômico que aproveitava a capacidade ociosa das empresas, mas continuava controlando os salários. A economia reagiu rapidamente, e cresceu em média dez por cento ao ano de 1968 até 1974, com o setor industrial claramente privilegiado. O período, que ficou conhecido como ‘milagre econômico’, tinha, no entanto, seu lado perverso, e o censo de 1970 provou que a desigualdade havia aumentado na década anterior. Delfim Neto justificava as distorções do país com a fórmula: ‘É preciso deixar o bolo crescer, para depois reparti-lo’².

Porém, o bolo cresceu, mas não foi dividido, ficou concentrado nas mãos dos grandes produtores rurais, principais beneficiados pelo crescimento advindo do “milagre econômico brasileiro”, que na verdade se estendeu apenas a uma minoria. Assim, o restante da população, em especial o trabalhador rural, não se beneficiou praticamente nada com esse crescimento econômico:

O “milagre” acabou. Passada a euforia inicial, muitos começaram a se dar conta de que os frutos do crescimento acelerado do período 1967/73 tinham beneficiado apenas uma minoria privilegiada. E, entre os que tinham sido penalizados, estavam os trabalhadores em geral e, de modo particular, os trabalhadores rurais³.

¹ CHIAVENATO, Júlio José. *Violência no campo: O Latifúndio e a Reforma Agrária*. 6 ed. São Paulo: Moderna, 1998. p. 40.

² PAIANO, Enor. *Tropicalismo: bananas ao vento no coração do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1996. p. 15.

Dessa forma, os trabalhadores que permaneceram no campo, além da dificuldade em firmar seu próprio negócio, ou sua própria produção, devido à falta de recursos para serem empregados, tiveram que se adaptar às novas tecnologias que estavam sendo introduzidas no campo pela dinâmica do sistema capitalista, pelo desenvolvimento de diferentes técnicas empregadas na produção.

Então, o objetivo principal desse trabalho é procurar compreender em que medida o desenvolvimento tecnológico contribuiu e prejudicou o pequeno produtor rural, no caso o produtor de leite, em sua luta pela sobrevivência, no período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980. Buscamos analisar as dificuldades do pequeno proprietário rural em fazer do seu trabalho um negócio rentável, que lhe permitisse viver com dignidade, por falta de uma política governamental para o campo, o que ocasionou a migração de grande parte de pessoas do campo para a cidade e o aumento dos conflitos sociais.

Em termos teórico-metodológicos, o trabalho utiliza-se de uma bibliografia específica sobre o tema, principalmente sobre as questões que envolvem as alterações que houve no campo brasileiro nas referidas décadas, além de pesquisas em páginas da internet sobre o tema em geral. Compreendemos, sobretudo, que o conhecimento histórico é sempre aberto, passível de modificações, mas nem por isso deixa de ter sua importância enquanto explicações para períodos passados. De acordo com Thompson:

O conhecimento histórico é pela sua natureza, provisório e incompleto (mas não, por isso, inverídico), seletivo (mas não, por isso, inverídico), limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência e os conceitos que informam

³ SILVA, José Graziano da. *O Que é Questão Agrária?* São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 15.

*essas perguntas, e, portanto, só verdadeiros dentro do campo assim definido*⁴.

Assim, cada trabalho de pesquisa em história terá, necessariamente, os traços das preocupações e questionamentos da pessoa que construiu o trabalho, não sendo possível se falar em neutralidade na pesquisa histórica, muito menos em verdade única ou conclusões definitivas sobre um determinado tema dentro do estudo da história. E dessa forma, percebemos que *“a história se constitui de um processo contínuo de interação entre o pesquisador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado”*⁵, ou seja, um processo de questionamento contínuo do objeto de pesquisa pelo pesquisador.

Além dos documentos e da bibliografia específica sobre o tema de estudo, foi utilizada a história oral como principal fonte de pesquisa, por meio da realização de entrevistas aos pequenos produtores de leite do Prata. Optei por utilizar as fontes orais porque elas me possibilitaram entrar em contato com a realidade direta dos trabalhadores entrevistados. Neste trabalho, realizei quinze entrevistas com os pequenos produtores de leite residentes na cidade do Prata.

A construção dessas entrevistas se deu com o auxílio de gravador, com questões abertas, mas direcionadas ao assunto que seria abordado e problematizado no trabalho. Buscamos saber quais foram as principais mudanças na vida e, por assim dizer, nas relações de trabalho dos pequenos produtores de leite com a inserção de novas tecnologias em sua forma de trabalho e como, a

⁴ THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Trad. Waltencir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1981, p. 49.

partir daí, eles buscaram suas maneiras próprias de lidar com as adversidades. As questões realizadas foram nesse sentido e em forma de diálogo aberto.

Essas fontes trouxeram uma grande contribuição, ajudando a compreender melhor os modos de vida, incluindo, claro, as formas de trabalho e lazer dos pequenos produtores de leite do Prata. Nessa direção, ao tomar contato com os escritos de Alessandro Porteli sobre fontes orais, percebi que, como qualquer outro método, essa forma de buscar informações e esclarecimentos também tem suas particularidades.

A narração do entrevistado, por exemplo, é sempre aberta, parcial e provisória, então temos que levar isso em consideração quando vamos entrevistar alguém, a maneira como fazemos a pergunta ao entrevistado pode fazer com que as narrativas tomem caminhos imprevisíveis, dependendo de como elaboramos a pergunta, cabendo sempre ao entrevistado avaliar o que, para ele, é mais importante lembrar e narrar⁶. Acontece também que, *“às vezes, os historiadores podem estar interessados em falar com certa pessoa sobre um determinado evento, período ou tema específico; mas os narradores freqüentemente, e forçosamente, reintroduzem o tempo e os eventos que lhes interessam”*⁷. Nesse sentido, temos que lembrar ainda, como ressalta Raphael Samuel, que:

A evidência oral é importante não apenas como uma fonte de informação, mas também pelo que faz para o historiador, que entra no campo como um fiscal invisível. Pode ajudar a expor os silêncios e as deficiências da

⁵ CARR, Edward Hallet. *Que é História?* 6 ed. Trad. Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 29.

⁶ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Trad. M. T. J. Ribeiro. *Projeto História*, São Paulo: Educ., n 14, fev., 1995.

⁷ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Trad. M. T. J. Ribeiro. *Projeto História*, São Paulo: Educ., n 14, fev., 1995. p. 300.

*documentação escrita e revelar ao historiador (...) o tecido celular ressecado que, quase sempre, é tudo o que tem em mãos*⁸.

Dessa forma, as fontes orais podem nos trazer muitas informações úteis acerca do tema estudado na pesquisa, auxiliando na sua melhor compreensão. Além disso, os métodos utilizados para a construção da pesquisa histórica não podem seguir modelos rígidos ou fechados, mas abertos e adequados às necessidades da pesquisa, tendo em vista os questionamentos e as questões que envolvem o objeto de pesquisa. Neste sentido, Thompson ressalta:

*Por lógica histórica, entendo um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinados, na medida do possível a testar hipóteses quanto à estrutura, causação, etc., e eliminar procedimentos autoconfirmadores (...). O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica do outro*⁹.

Foram utilizados também documentos gerais, artigos e revistas. No que se refere à documentação escrita utilizada, devemos evitar, principalmente, a leitura exclusivista ou de mão única sobre o tema, que prejudica o entendimento do objeto de pesquisa. Devemos apanhar as várias opiniões de diferentes textos ou documentos históricos, problematizando-os sempre. Além disso, como ressaltou Eric Hobsbawm:

*O que normalmente devemos fazer é reunir uma ampla variedade de informações em geral fragmentárias: e para fazer isso precisamos, se me perdoem a expressão, construir nós mesmos o quebra-cabeças, ou seja, formular como tais informações deveriam se encaixar*¹⁰.

⁸ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero / ANPUH, nº 19, 1990. p. 237.

⁹ THOMPSON, E. P. *A Miséria da teoria ou um planetário de erros*. Trad. Waltenir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 49.

¹⁰ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História (Ensaio)*. Trad. Cid. K. Moreira. São Paulo, Cia das Letras, 1985, p. 225.

Apesar de tudo, sempre encontramos dificuldades quando realizamos uma pesquisa histórica, seja com relação às fontes, à sua interpretação e problematização ou mesmo devido à ausência de fontes. Contudo, as dificuldades surgem precisamente pelo fato da história trabalhar com idéias inseridas nas práticas sociais, nas diversas experiências de vida. De acordo com Marc Bloch:

*As dificuldades da história são também de uma outra essência. Pois, em última instância, ela tem como matéria precisamente consciências humanas. As relações estabelecidas através destas, as contaminações, até mesmo as confusões da qual são terreno constituem, as seus olhos, a própria realidade*¹¹.

Contudo, a pesquisa histórica não se desenvolve apenas pela boa teoria, pois além dos pressupostos teóricos, os quais cumprem um papel fundamental durante a investigação histórica, temos que lembrar que *“toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção”*¹², o historiador tem que criar seus questionamentos acerca do objeto de pesquisa, devendo partir do objeto e, sobretudo, de “questionamentos” sobre esse objeto, e não limitar-se a recuperar fatos ou acontecimentos por si só.

Dessa maneira, os fatos passam a não ser meramente objetivos, haja vista que sempre haverá a interpretação e o questionamento do historiador. Conforme Carr, *“no diálogo, os dados obtidos pelo pesquisador levam-nos a reelaborar os conceitos, as noções e as categorias de análise”*¹³, sendo sempre um processo de reconstrução de idéias. Ao se desenvolver, a pesquisa é sempre um processo

¹¹ BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o Ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 132.

¹² Idem. p. 79.

¹³ KHOURY, Yara Aun. *Narrativas orais na investigação da história social. Projeto História*, São Paulo, 2001. p. 80.

aberto, passível de inúmeras alterações e transformações de conceitos e de questões propostas pelo pesquisador. Sendo assim:

A importância da pesquisa vai se revelando à medida da sua construção, quando se tem oportunidade de discutir com outros agentes, nos grupos de amigos, nas reuniões científicas, na sala de aula, porque as questões se ampliam, modifica-se a problemática, o que inicialmente parecia questão individual vai ganhando aos poucos contornos de preocupações coletivas¹⁴.

Portanto, sobre as formas de se trabalhar a pesquisa, é muito importante lembrarmos *“que a escolha refletida das perguntas seja extremamente maleável, susceptível de enriquecer pelo caminho de uma quantidade de quesitos novos e abertas a todas as surpresas”¹⁵*, ou seja, devemos fugir principalmente de métodos fechados, os quais não contribuem de forma alguma com nossa pesquisa. Por meio das constantes indagações e questionamentos sobre o objeto de pesquisa desse trabalho, procuramos perceber que para o seu melhor desenvolvimento, não podemos partir de questões ou afirmações fixas, mas sim de um inquérito aberto e uma metodologia flexível, relacionada às necessidades do trabalho de pesquisa e que auxilie para que os resultados possam ser alcançados.

E é justamente nas trocas de informações e idéias na sala de aula, com os amigos e os professores, nas discussões dos textos, no diálogo mediante entrevistas com os sujeitos pesquisados que vamos criando nosso trabalho, refazendo ou alterando tudo o que faz necessário.

¹⁴ ALMEIDA, Paulo Roberto de. *O Movimento Operário e a Construção da Central Única dos Trabalhadores no Brasil: Disputas e Concepções 1977-1983*. Tese de doutorado em História Social apresentada a PUC/SP. São Paulo, 1998. p. 06.

¹⁵ BLOCH, Marc. *A Observação Histórica. Introdução à História*. 4 ed. Lisboa, Europa-América, 1965. p. 61.

Esse trabalho está dividido em dois capítulos, no primeiro abordamos as transformações técnicas ocorridas no campo brasileiro nas décadas de 1970 e 1980, apontando as alterações nas relações de produção em geral e no segundo capítulo analisamos essas mudanças na vida e na produção de alguns trabalhadores rurais, nesse caso, o pequeno produtor de leite do Município de Prata, em Minas Gerais.

CAPÍTULO I

TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO CAMPO BRASILEIRO E OS MODOS DE VIDA DO PEQUENO PRODUTOR DE LEITE

O processo de modernização no campo, com a introdução de novas técnicas na produção agropecuária foi acompanhado pela reprodução do atraso, sobretudo, como a manutenção dos privilégios, o clientelismo político, a privatização da esfera pública. Dentre as transformações que o capital tende a provocar na agricultura e, evidentemente, nos demais ramos da produção, na medida em que vai se apossando do processo de produção, está a criação de um contingente de trabalhadores assalariados.

A mudança, porém, não se dá de maneira harmônica e generalizada, deste modo, vem se constituindo no Brasil, a partir da década de 1970, um contingente de trabalhadores assalariados completamente expropriados dos seus meios de produção. A mão de obra familiar que representa uma grande parcela do contingente de trabalhadores rurais, com uma renda monetária bastante baixa, tende a se assalariar para ampliar os seus ganhos e poder sobreviver.

Na cidade de Prata, em Minas Gerais, foi criada em 1965, a Cooperativa dos Produtores Rurais Ltda., com o objetivo de apoiar os associados da cooperativa dos produtores rurais a incorporar as inovações tecnológicas que ocorriam.

As indústrias Nestlé, de São Paulo, são os principais consumidores do leite produzido em Prata, juntamente com a firma paulista Alves de Azevedo. O movimento diário de processamento de leite gira na casa dos 40mil litros brutos,

dos quais 20%, aproximadamente, são utilizados para a fabricação de caseína e manteiga de leite. Desde a sua fundação, até o mês de outubro de 1972, a cooperativa vendeu quase 11 milhões de litros de leite. Mas apesar da modernização da agropecuária no Triângulo/Alto Paranaíba, os trabalhadores do campo enfrentaram problemas, que por trás de diversas formas de integração, exploração e marginalização acabaram por aprofundar as desigualdades e a exclusão social.

A região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, em Minas Gerais, teve o seu cenário econômico radicalmente transformado a partir da década de 1970, frente ao processo de modernização da agricultura. Até as primeiras décadas do século XX, o abastecimento de leite era feito por produtores de leite cujas chácaras e granjas se localizavam em torno da cidade. A distribuição era realizada pelo próprio produtor, que vendia seu leite de casa em casa ou para comerciantes produtores de leite tipo C. Mesmo assim, os produtores de leite tipo C dificilmente conseguiam que sua produção fosse rentável o suficiente para lhes propiciar renda estável e lucro, de modo que os pequenos produtores viviam quase que exclusivamente do rendimento do leite.

Com relação à produtividade de litros de leite por vaca, a quantidade produzida era baixíssima, porque nesse contexto de grandes transformações no campo brasileiro, na década de 1970, poucos produtores tinham acesso ao sistema de crédito e financiamento para melhoramento de sua propriedade, para obter até mesmo melhores condições econômicas locais.

Na Cooperativa dos Produtores Rurais LTDA da cidade de Prata, constituída juridicamente em princípios de 1965, contendo 190 cooperados, todos os produtores de leite do Município, além da seção comercial e revenda aos associados, mantém fábrica de queijo “mussarela” e caseína. O Sindicato Rural de Prata recebe toda colaboração da cooperativa dos produtores rurais do Município. A cooperativa possui uma indústria de resfriamento na cidade, onde é fabricada a manteiga da marca “Rádio”, exportada para diversos municípios mineiros e para outros estados, como São Paulo, Brasília e unidades federativas do Nordeste.

Emergiram novos modos de processos de trabalho, dentre os quais se destaca a transição da produção em série e de massa para a flexibilização da produção, constituindo novas formas de adequar a produção ao mercado. Neste sentido, procurou-se saber onde e quando a mercadoria era vendida, para depois realizar a sua produção¹⁶. Buscou-se, naquele momento, uma gestão participativa no seio da indústria e uma qualidade total em relação aos produtos fabricados. Conforme Ricardo Antunes, a década de 1980 caracterizou-se por:

(...) um grande salto tecnológico, a automação, a robótica e a micro eletrônico invadiram o universo fabril, inserindo-se e desenvolvendo-se nas relações de trabalho e de produção do capital, vive-se, na produção, um conjunto de experimentos, mais ou menos intensos, mais ou menos consolidados, mais ou menos presentes, mais ou menos tendenciais, mais ou menos embrionários¹⁷.

Assim, no caso da questão tecnológica na agropecuária brasileira, ela aborda, em suas diferentes dimensões, o papel do Estado e das políticas públicas

¹⁷ ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 5 ed., São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1998. p. 15.

na produção e difusão de novas tecnologias e o complexo das relações entre a pequena produção rural, o capital e os demais setores da economia. Essas mudanças no setor produtivo do Brasil foram possíveis, principalmente, pelos acontecimentos no país, ainda a partir dos anos 1970, como as transformações políticas do Estado brasileiro, a conformação de um modelo de desenvolvimento assentado em políticas de cunho modernizante e que, em termos de agropecuária, traduziu no que se convencional identificar como *'modernização conservadora'*¹⁸.

As companhias multinacionais, para investir na agroindústria, buscavam condições de produção, clima político e estruturas sociais que lhes foram mais convenientes, bem como os esforços por parte das elites políticas locais para criar condições favoráveis para atrair investimentos externos para, supostamente, gerar desenvolvimento econômico para todos.

A aplicação das reformas neoliberais nos anos 1990 provocou o aumento da desigualdade, *"tão descarregadora quanto à evidência física e a desqualificação dos trabalhadores rurais e de seus mediadores vinculados pelos proprietários e empresários rurais no exercício da dominação políticas"*¹⁹. O rural deixou de ser um espaço que privilegia a agricultura, tornando-se, cada vez mais, um espaço de muitas atividades, como, por exemplo, as fábricas-fazendas.

O rural passou a ser analisado em uma perspectiva da reorganização das atividades econômicas onde o progresso e a tecnologia exercem um papel

¹⁸ PORTO, Grossi Maria Stela (org.) Politizando a tecnologia no campo brasileiro: dimensões e dinâmicas – Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997.

¹⁹ SILVA, José Graziano da. *O Que é Questão Agrária?* São Paulo: Brasiliense, 1980.

preponderante. Os recursos tecnológicos da informática e da engenharia genética estariam na pauta desse processo de transformação. Nesse contexto, o ambiente rural seria reconstruído na nova perspectiva de uma sociedade industrializada, onde entram as especificidades e as atividades desaparecem.

Mas por que um processo de desenvolvimento rural deveria se moldar às limitações históricas com as quais nos deparamos no presente? São muitas as razões. Primeiramente, porque não há mais a mesma estrutura do Estado para comandar uma forte intervenção no campo, como fez os governos militares na década de 1970, promovendo transformações produtivas e tecnológicas que mudaram radicalmente não apenas as estruturas de produção, mas igualmente instituiu novos padrões de racionalidade e os comportamentos sociais em tantas regiões rurais, bem como uma grande acentuação na concentração de renda.

Examine-se, como ilustração, o desmonte dos serviços de extensão rural e assistência técnica, cuja existência no Nordeste, Centro-Oeste e Norte atualmente é apenas virtuais, ainda mais o seu reerguimento seria extremamente problemático. Não agregando outros argumentos, bastaria igualmente ressaltar que nos anos recentes observou-se a implementação de políticas de privatização que, na prática, quase eliminaram, por exemplo, a presença estatal no chamado "D1 para a agricultura", isto é, o setor industrial à montante das atividades agrícolas²⁰.

²⁰ SILVA, José Graziano da. *O Que é Questão Agrária?* São Paulo: Brasiliense, 1980.

Nos anos 1960 e 1970, promover o desenvolvimento rural era sinônimo de promover a modernização do campo. A partir de um ponto de vista essencialmente urbano, graças ao qual o campo era visto como atrasado, deprimido e deprimente, a reforma agrária era considerada como a solução capaz de liberar os camponeses do império do latifúndio. Contrariamente a isso, as reformas realizadas em vários países latino-americanos, de um modo geral, tiveram efeitos práticos devastadores sobre a estrutura agrária e sobre a vida rural, e a agricultura da região continua sem resolver problemas tais como a concentração da terra, as condições de trabalho a que são submetidos os trabalhadores rurais e a má qualidade de vida de camponeses e indígenas.

A partir de 1980, as transformações ocorridas na produção, com o processo de automação do trabalho nos países capitalistas industrializados, tiveram repercussões e desdobramentos muito fortes no Brasil. O país passou por um processo profundo de transformações em sua base produtiva, marcado por intensa racionalização e flexibilização no modo de produção do trabalho²¹. Estas transformações, ocorridas especialmente na Região Metropolitana de São Paulo, trouxeram consigo a diminuição do potencial de trabalho disponível no mercado, dando lugar, entre outros fatores, ao trabalho informal e à conseqüente perda de direitos trabalhistas.

Sintomaticamente, nos últimos 10 anos, os sociólogos rurais praticamente não mais examinam a tendência modernizadora da agricultura latino-americana,

²¹ ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 5 ed., São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1998. p. 15.

mas tratam de compreender como os diferentes casos locais se dimensionam, adequam, integram e resistem face a esta modernização.

José Bengoa, sociólogo chileno, sintetiza os principais direcionamentos das mudanças ocorridas na região (e nas pesquisas) em cinco aspectos: (1) deslocamento da fazenda — caracterizada, até os anos 1970, pela relação estreita (e indestrutível) entre produção e poder, economia e poder local, propriedade da terra e política — para a empresa moderna exportadora, resultando na desvinculação dos estudos sobre a agricultura dos estudos sobre o mundo rural; (2) deslocamento da questão camponesa para as questões referentes à pobreza rural; (3) mudança nos sistemas de trabalho e nos assentamentos humanos, com o deslocamento da servidão dos camponeses sem terra nas fazendas, para o trabalho temporário, o que provocou o aumento de sua precariedade e vulnerabilidade; (4) de uma problemática centrada nos camponeses, em decorrência dos movimentos sociais, em meados dos anos 1980 começou a emergir a questão indígena; (5) da centralização nos camponeses, em consequência dos movimentos feministas também iniciados nos anos 1980, passaram a ser visualizados camponeses e camponesas, vindos à tona uma problemática particular das mulheres rurais²².

Ao finalizar as observações em seu texto, Bengoa destaca o poder simbólico do rural, graças ao qual o rural é visto como sociedade diferenciada, como fonte e força simbólica e identitária para as sociedades que se encaminham

²²Trabalhos que foram apresentados como conferência ou palestras (simpósio) do VI congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia rural (ALASRU), realizado em Porto Alegre, em novembro de 2002. www.sielo.br (acesso na internet julho 2006).

a um processo de globalização, com o intenso desenvolvimento na economia nas décadas de 1960 e 1970 (que não beneficiou a todos), com as profundas alterações ocorridas no campo, havendo ainda uma intensa modernização em certas regiões.

Com a industrialização do campo, houve as instalações de indústrias voltadas para este seguimento rural e também, no caso das indústrias de implementos agrícolas, tratores, máquinas agrícolas, fertilizantes, rações, medicamentos veterinários etc. Esses novos objetos técnicos que acabam entrando no universo do produtor rural são geralmente objetos com preços elevados, que fogem ao seu padrão interior, quando dependia muito mais de técnicas arcaicas.

Assim, para ter acesso às tecnologias, os produtores rurais necessitam obter empréstimos dos bancos, sem esses empréstimos os produtores dificilmente conseguiriam produzir em condições de competir com o mercado. No caso do Município do Prata, quando focalizamos o seu poder financeiro, vêm-se presente nessa cidade duas agências bancárias acusando, ambas, um elevado índice de operações. Esplendidamente instalada a agência do Banco do Estado de Minas Gerais, S.A., torna-se um fator vitalizador da vida comercial local, a par da assistência continuada ao meio rural, incrementando a pecuária e a agricultura ²³.

²³ Sindicato Rural de Prata, pela carta sindical nº115704/64).

CAPÍTULO II

MODOS DE VIDA DOS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE DO MUNICÍPIO DE PRATA

O Município de Prata localiza-se na zona do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, fazendo parte da microrregião Pontal do Triângulo Mineiro. É o município mais extenso do Triângulo Mineiro, com uma área de 4760 quilômetros quadrados; ocupa uma posição central mediana entre os municípios vertentes do Rio Paraíba e do Rio da Prata, afluentes do Rio Paranaíba. Apresenta limites com os Municípios de Campina Verde, Ituiutaba, Monte Alegre de Minas, Uberlândia, Veríssimo, Campo Florido e Comendador Gomes.

A área do Município era coberta por extensa vegetação de cerrado, quase que totalmente transformada em pastagens artificiais ou por importantes e extensas áreas de reflorestamento com plantações de eucaliptos e pinus.

De acordo com dados estatísticos, entre as décadas de 1960 e 1980 a população do Município cresceu muito, recebendo um contingente bastante expressivo de migrantes oriundos principalmente do Estado de São Paulo e um número menor de migrantes dos estados do nordeste.

Município do Prata**População rural**

Anos	1960	1970	1980	1991(*)
	5.841	7.944	8.633	11.554

Fonte: FIBGE. Censos Demográficos do Estado de Minas Gerais. SIM consultoria realizada pelo CEPES pág. 25

Neste contexto a zona rural recebia migrantes num momento que se caracteriza pelo início das chamadas políticas de ocupação das áreas de cerrado, com incentivos de expansão da agricultura. Foi um contexto caracterizado por investimentos do governo na modernização da agricultura brasileira. Dessa forma, a agricultura tradicional foi sendo “substituída” por uma agricultura “modernizada”, pela introdução de novas culturas no cerrado.

Os processos de modernização e industrialização da agricultura brasileira apresentam resultados qualificados por Graziano da Silva de “*perversos*”, uma vez que provocaram concentração fundiária e de renda, elevação do êxodo rural e superexploração dos trabalhadores rurais²⁴. Além disso, contribuíram para aumentar as disparidades, pois não atingiam de forma homogênea todas as regiões brasileiras.

Com base no exposto, percebe-se que houve no meio rural um forte processo de concentração de renda e exclusão social, provocado por toda a dinâmica de modernização e industrialização da agricultura brasileira.

²⁴ SILVA, José Graziano da. *O Que é Questão Agrária?* São Paulo: Brasiliense, 1980.

Desde o início do processo de modernização da agricultura brasileira, na década de 1950 até os meados da década de 1990, a agricultura familiar ficou à margem das políticas públicas destinadas ao setor agrícola, sendo estas exclusivas para os médios e os grandes proprietários rurais.

A transformação do cerrado pelos diversos programas governamentais, portanto, beneficiou apenas aqueles que possuíam capital para investir. Os pequenos agricultores ficaram empobrecidos: alguns venderam suas propriedades e mudaram para a cidade; outros permaneceram no campo lutando com muitas dificuldades para sobreviver²⁵.

No Município de Prata, a economia está basicamente ligada à agropecuária. A produção pecuária é heterogênea, com um número grande de pequenas propriedades situadas ao lado de poucas, mas grandes fazendas. Estas, beneficiadas pelos programas de incentivo governamental, modernizaram suas instalações e meios de produção, atingindo alto nível de produtividade. Os proprietários, em geral, mantêm simultaneamente, outro tipo de atividade econômica nas grandes cidades da região.

A pequena propriedade rural, predominante no Município, apresenta pequena variação quanto ao tipo de unidade de produção. Isto é, predomina a pequena unidade produtiva de propriedade da família, que também trabalha nela e vive do rendimento que ela propicia. Nessa propriedade, em geral, moram duas ou

²⁵ NETO, Wenceslau Gonçalves. *Estado Planejamento: A agricultura nos planos de Governo no Brasil (1960-1980)*. In. Revista História e Perspectivas n.10 Jan./Jun.1994.; ABROMOVAY, Ricardo. *O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural*. Revista Economia Aplicada – Volume4, n.2, Abril/Junho 2000.

mais famílias, ocupando habitações separadas, embora economicamente dependentes da produção gerada na mesma propriedade: marido, esposa, avós, filhos menores e filhos maiores que se casam e passam a constituir suas próprias famílias.

Em algumas situações, a propriedade se subdivide ao serem transferidas como herança para os filhos. Alguns membros da família migram para outros lugares ou para cidades maiores em busca de novas fontes de renda ou de melhores condições de vida. Neste caso, vendem a sua parte ao parente que opta por permanecer na zona rural. Dessa forma se constituem redes de pequenas propriedades familiares interdependentes em decorrência de laços familiares e econômicos.

Para sobreviverem na pequena propriedade rural, muitos trabalhadores se assalariam com o grande proprietário. Mas o trabalhador assalariado também se depara com diversas dificuldades no seu cotidiano, principalmente antes da inserção do "tanquinho", ou seja, da incorporação das novas tecnologias na produção do leite, quando a jornada de trabalho se prolongava desde a madrugada - por volta de 4 horas - até à noite, o trabalhador não tinha direito a descanso semanal e nem gozava férias, pois as vendia para garantir a renda doméstica.

A esmagadora maioria da população que ainda vivia no campo em 1980, cerca de 40 milhões de pessoas, continuava mergulhada na pobreza absoluta. Eram os mesmos posseiros ou proprietários de um pedaço de terra, ainda presos àqueles padrões de produção arcaicos, aquela economia 'da mão para a boca, sempre abandonados pelo poder público'²⁶.

²⁶ MELLO, João Manuel C., Novais Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. p. 559-658.

A atividade econômica predominante no Município é a produção leiteira. A partir de 1970, ampliou-se a produção de leite, em função de diversos fatores, principalmente econômicos e políticos, mas, a princípio, a pecuária leiteira e de corte oferecia menos riscos e exigia poucos gastos com tecnologia e mão de obra qualificadas.

Outro fator de estímulo à produção leiteira foi a criação da Cooperativa dos Produtores Rurais do Prata – COOPRATA, em 1965. Essa cooperativa passou a subsidiar a produção oferecendo suporte técnico e tecnológico aos produtores e garantindo o escoamento do produto. De acordo com dados coletados pelo CEPES/UFU em 1988, 87,2% dos proprietários rurais estão ligados à Cooperativa. Até 1991 verificou-se que, do leite produzido nas propriedades pesquisadas, 95,5% são vendidos, cabendo à Cooperativa a aquisição de 78% desse leite²⁷.

Porém, a pecuária leiteira em Minas Gerais comporta certa diversidade da produção. No caso das pequenas propriedades no Município de Prata, encontram-se situações bastante problemáticas e múltiplas, verificando-se um baixo desempenho da produtividade das mesmas devido ao fato de empregar, na grande maioria das propriedades produtoras de leite, o sistema de produção atrasado e pelo menor grau de especialização na atividade.

Uma característica importante da economia rural do Município é a realização marcante e predominante das atividades da propriedade pelos próprios

²⁷ *Sistema Mercadológicas Municipais-SIM / Prata*. Consultoria realizada pelo CEPES, Departamento de Economia/UFU. Uberlândia, março 1995.

proprietários, com o envolvimento de toda a família nas atividades cotidianas da pequena propriedade.

Os pequenos produtores de leite, além de fazerem baixos investimentos em tecnologia, na maioria das vezes, ainda usam práticas mais rudimentares que conseqüentemente oneram a produtividade e a qualidade do leite. Não têm, também, recursos para investimento em insumos, silagem e ordenhas mecânicas.

Uma prática comum é a opção pela produção artesanal mesmo após terem sido estabelecidas normas e padrões tecnológicos pelo Ministério da Agricultura para produção e venda do leite²⁸. Porém, com as dificuldades para aplicação dessas normas, os pequenos produtores vendem o leite no mercado informal para driblar a vigilância sanitária.

Quando fui visitar algumas pequenas propriedades rurais para fazer as entrevistas, pude observar esta realidade, a importância da pequena produção leiteira realizada por mão-de-obra familiar e, neste contexto, a importância da pequena produção familiar no Brasil.

Na realização dessas entrevistas, o que me influenciou foi o fato de que, desde criança, convivo com as contradições na realidade dos pequenos produtores rurais, por estar próxima desta realidade, afinal, tenho familiares que são pequenos produtores rurais. Assim, optei por visitar vizinhos de meus pais e

²⁸ A partir da segunda metade da década de 1990 foi adotada na região a exigência pelo Ministério da Agricultura de produção segundo padrões higiênicos adequados à armazenagem do leite. Passou a ser utilizado o tanque de refrigeração para conservação do leite até a coleta pela Cooperativa ou pelas empresas compradoras.

alguns familiares. No entanto, apesar de ter realizado várias entrevistas, selecionei umas três para destacar a minha pesquisa.

As famílias pesquisadas são aquelas compostas por marido, esposa, filhos, avós e irmãos, todos morando na mesma propriedade familiar, mas ocupando habitações separadas que, embora dependentes dos rendimentos da mesma propriedade, trabalham e produzem autonomamente, cada família realizando atividades particulares para garantir o sustento cotidiano.

Na organização familiar, percebe-se que os filhos, com suas próprias famílias, que permanecem na mesma propriedade da família, prestam serviços ao pai sem cobrar remuneração e realizam outras atividades extraordinárias que garantem o sustento da sua família. As decisões sobre o trabalho, a produção, o consumo e as despesas são tomadas coletivamente, por toda a família.

O fato de que minhas entrevistas, ou seja, o meu trabalho de campo tenha começado com a concessão de entrevista de uma mulher não é simples coincidência. Na realidade, praticamente em todo o mundo, *“a mulher, que apesar das variações no regime de propriedade, sempre participou da atividade econômica - familiar, camponesa, artesã ou pequeno comércio”*²⁹. Apesar das transformações do processo histórico, a mulher sempre participou, de alguma forma, da atividade econômica familiar.

O papel importante que a trabalhadora rural exerce neste contexto está no fato de que, além das tarefas domésticas cotidianas, a mulher do campo auxilia no

²⁹ HOBBSAWM, Eric J. – “Trabalhadores-Trajetória do Movimento Operário”.

trabalho da propriedade, especialmente em propriedades pequenas em que a renda familiar é muito baixa. No caso dos pequenos produtores de leite de Prata, a renda familiar, basicamente, provém da produção de leite.

As trabalhadoras do campo reconhecem suas atividades domésticas como obrigação de esposa, mãe e dona de casa, consideram-se dependentes de seus maridos, vendo-os como responsáveis pela administração familiar e pelo sustento da família.

Uma de minhas entrevistadas, Dona Dejanira, narra sua trajetória de vida, dizendo como é sua vivência no meio rural desde criança, ressaltando que aos oito anos de idade já tirava leite. A esse respeito, a mesma se expressou com as seguintes palavras:

...Ih Renata, eu tiro leite desde meus oito ano eu é meu irmãos, meu pai trabalhava na roça fora, hoje eu tiro, quando eu casei continuei tirando leite, foram 42 anos casada, faz 5 anos, continuo tirando leite, sempre ate levantando de madrugada, eu gosto dessa profissão de tira são de leite, gosto da lida da roça, já bati arroz, capinei roça, mexi com lavoura, vivemos dos braços, agora com o tanquinho ficou bem mais fácil agente não depende de madruga a hora de terminar e está mesma, com os remédio do gado facilita bem mais, hoje a vida esta mais bem mais fácil de trabaia³⁰.

A mulher rural tem uma jornada de trabalho bem maior que os demais membros da família, pois suas atividades começam antes de todos. É ela quem se levanta para preparar o café da manhã para a família. Em seguida, vai para o quintal cuidar dos pequenos animais e animais domésticos, depois vai para a horta, muitas vezes, vai também para o curral para ajudar a ordenhar e cuidar das

³⁰ Entrevista cedida por Dona Dijanira em maio de 2006.

vacas. Volta para casa e organiza o lar, faz o almoço, sendo que aquelas que têm filhos na idade escolar os ajudam nos deveres de casa, preparando-os para irem à escola.

Durante a entrevista com Dona Dijanira, a mesma disse que apesar das melhorias, o pequeno produtor rural ainda enfrenta diversas dificuldades, sobretudo porque os produtos da zona rural não são valorizados. Quando entrevistei alguns pequenos produtores rurais, percebi que, apesar de gostarem da lida da roça, eles ficam desanimados com a falta de oportunidades de melhores condições de vida. Segundo Dijanira, *“os coitado não ganha dinheiro algum, quem ganha dinheiro é aquele que tá cheio dele”*. *“Eu só sei que tá muito difícil pra nós viver...”*³¹.

Outra entrevistada, Lucinha, mora em uma propriedade rural com o esposo e duas filhas, filhas que estudam em uma escola localizada na cidade do Prata. Suas filhas vão no transporte escolar que a prefeitura oferece à comunidade rural, para isso, elas saem mais ou menos às 10:30 horas e só retornam quase à noite. Na família de Lucinha, todos os adultos trabalham na propriedade, além dela própria, há também o seu esposo, sua sogra e seu cunhado. É uma propriedade com pouco mais de 50 alqueires e a renda maior da família provém da produção de leite. Nas palavras de Lucinha, percebe-se o seguinte:

Trabalho na fazenda, tiro leite todos os dias, ia renda é muito pequena, então o governo não ajuda a gente, então a gente tem que trabaia mesmo. A gente tem a terra, mas não tem o dinheiro, pode plantar pra gente te uma

³¹ Entrevista cedida por Dona Dijanira em maio de 2006.

renda maió, o financiamento e bom, mas os juros, o juro e muito alto. «pequeno produtor fica mais difícil»³².

Além de todas essas atividades, essas mulheres ainda encontram tempo para a produção de farinha, polvilhos, doces, queijos, requeijão, rapaduras, criando uma pequena quantidade de aves (frangos, galinhas, etc.), para o consumo da família. O que é excedente destes produtos citados acima é vendido para o complemento da renda familiar.

Em relação aos seus costumes, alguns se perderam ao longo do processo histórico, outros foram reelaborados. O que se pode observar é a predominância do catolicismo no meio rural, a importância das festas religiosas para estas comunidades rurais, porque é mediante essas festas que acontecem a socialização, preservação e reelaboração dos costumes que permeiam as comunidades rurais. Apesar das mudanças sociais e econômicas que perpassam no meio rural, quando se observa estas festas rurais, destaca-se dentre elas as festas dos Distritos como o de Jardinésia, a Capela Maria das Dores, onde são realizados os casamentos, batizados, missas e também outros eventos religiosos.

Monjolinho com seu Santuário de Nossa Senhora do Rosário, que é de grande importância religiosa naquela região para as comunidades rurais, destaca-se neste santuário a importância do padre Guido, ele exerce papel não somente religioso, mas também social nestas comunidades.

Nestes distritos e povoados são encontrados certo meio para que haja realização de festas que, geralmente, são organizados pelas escolas rurais

³² Entrevista cedida por Dona Lucinha em maio de 2006.

localizadas nestes distritos e povoados, pela comunidade local e membros da Igreja Católica local. Estas festas são realizadas, na maioria das vezes, nos salões paroquiais das igrejas, como, por exemplo, as festas em devoção aos Santos Padroeiros da comunidade local, Festas Juninas, festas de casamentos, batizados, etc. Um meio importante de diversão e entretenimento para os trabalhadores rurais é o Parque de Exposição Agropecuária, realizado todos os anos no mês de julho.

A respeito desse tipo de evento, o Senhor Salmo Moisés revelou:

“Tinha os forró, aniversário, festa na escola, festa de réis.....

Também eu participava de exposição no Prata, participava de prova de laço, tinha concurso leiteiro.....”³³.

Portanto, apesar das transformações tecnológicas ocorridas no campo brasileiro, nas últimas décadas, as condições de vida dos pequenos produtores de leite do Prata não tiveram um avanço significativo em termos de melhorias, mas, como tem ocorrido constantemente no Município do Prata, os trabalhadores rurais, ainda com todas as dificuldades enfrentadas, procuram outros meios para superarem os obstáculos surgidos, sobretudo, mediante a solidariedade, a ajuda mútua e o companheirismo presente nessas comunidades, o que se percebe não somente nas lides diárias, mas também nas festas coletivas, onde a alegria e o

³³ Entrevista cedida pelo Senhor Salmo Moisés em julho de 2006.

entusiasmo ocupam um lugar de esperança e perseverança diante das muitas adversidades da vida no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi compreender as mudanças que ocorreram nas condições de vida dos pequenos produtores de leite do Município do Prata, nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Porém, com a análise dos dados recolhidos chega-se a uma constatação de que o meio rural perpassa por várias possibilidades de análise, as quais são defendidas por vários pontos de vistas de diversos autores.

As mudanças que ocorreram nas condições de vida dos pequenos produtores de leite são fragmentárias, não extensivas igualmente a todos os produtores e de alcance financeiro econômico variável. As mulheres têm um papel significativo tanto na manutenção da família, como nas produtividades do trabalho e na melhoria da renda familiar. E quanto aos seus costumes, alguns permanecem e resistem ao longo do processo históricos. No entanto, de modo geral, as famílias dos pequenos produtores de leite do Município do Prata, não tiveram melhorias substanciais em suas vidas com a inserção de novas tecnologias no campo, algo que beneficiou verdadeiramente os grandes proprietários rurais. Apesar de tudo, os pequenos produtores de leite, mediante a ajuda mútua e a solidariedade existente nessas comunidades, procuram meios para superar esses obstáculos e viver com mais dignidade no campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMOVAY, Ricardo; O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural – Economia Aplicada – Volume4, n.2, Abril/Junho 2000.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. *O Movimento Operário e a Construção da Central Única dos Trabalhadores no Brasil: Disputas e Concepções 1977-1983*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em História Social) - PUC/SP. São Paulo, 1998.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o Ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. A Observação Histórica. *Introdução à História*. 4 ed. Lisboa, Europa-América, 1965.

BORGES, Benedito Antonio Miranda Tiradentes. *Povoadores do Sertão do Rio da Prata..* Uberaba MG: Ed. Vitória Ltda, 1996

CARR, Edward Hallet. *Que é História?* 6 ed. Trad. Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro: 2001.

CHIAVENATO, Júlio José. *Violência no campo: O Latifúndio e a Reforma Agrária*. 6 ed. São Paulo: Moderna, 1998.

GOBBI, W. A. O. . MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO CERRADO MINEIRO: os programas governamentais da década de 1970. Caminhos de Geografia - revista on-line, Uberlândia (MG), v. 11, p. 130-149, 2004.

GOBBI, Wanderléa Aparecida. Transformações no sistema agroindustrial de leite brasileiro a situação no município de Ituiutaba (MG). Dissertação (Mestrado em

Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia www.batd.ufu.br (acesso abril 2007)

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Estado Planejamento: A agricultura nos planos de Governo no Brasil (1960-1980). In. Revista História e Perspectivas n.10 Jan./Jun.1994.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História (Ensaio)*. Trad. Cid. K. Moreira. São Paulo, Cia das Letras, 1985.

HOBSBAWN, Eric. Os trabalhadores "Trajetória do movimento operário". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*, São Paulo, 2001.

MELLO, João Manuel Cardoso & NOVAIS, Fernando (1998). "Capitalismo tardio e sociabilidade moderna". In SCHWARCZ, Lillian (org). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, volume 4.

PAIANO, Enor. *Tropicalismo: bananas ao vento no coração do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1996.

PORTO, Grossi Maria Stela (org.) Politizando a tecnologia no campo brasileiro: dimensões e olhares. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

SILVA, José Graziano da. *O Que é Questão Agrária?* São Paulo: Brasiliense, 1980.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Trad. Waltencir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1981.

FONTES:

Periódicos

VI congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia rural (ALASRU), UFRGS - Porto Alegre, RS, novembro 2002 www.scielo.br (acesso na internet julho 2006).

“As mulheres de cachoeirinha: família, produção e gênero numa comunidade rural do sul mineiro.” Maria Angelina de M. Silva e Áureo Eduardo M, Ribeiro. Tese de mestrado UFLA – administração <http://serviço.capes.gov.br> (acesso internet julho 2006)

Revista do Departamento de Administração e Economia da UFLA: Organizações rurais e agroindustriais. Lavras, MG – Julho/Dezembro de 2004 – Vol.6 nº2.

Orais

- 1) Entrevista com D. Djanira, em maio de 2006, no município de Prata - MG.
- 2) Entrevista com Lucinha, em maio de 2006, no município de Prata - MG
- 3) Entrevista com Salmo Moisés da Costa, em Julho de 2006, no município de Prata-MG

Documentos locais diversos.

Revista Prata Hoje, 16 de maio de 1981. Ano 1 nº1. Jornal Mensal da Prefeitura Municipal de Prata

SIM Sistema Mercadológico Municipal – Município do Prata. Série de relatórios e pesquisas n.2. CEPES/Departamento de Economia/UFU, Uberlândia, março 1999.